



## O impacto da Constelação Familiar Sistêmica na saúde emocional dos discentes da EEFM João Mattos.

The impact of the Systemic Family Constellation on the emotional health of EEFM João Mattos students.

Elizabete Távora Francelino<sup>1</sup>  
Maria Flávia Coelho Albuquerque<sup>2</sup>  
Maria Aparecida de Medeiros<sup>3</sup>  
Maria de Lourdes Magalhães<sup>4</sup>  
Jorge Fernandes Barbara<sup>5</sup>

**Resumo:** Este ensaio versa sobre a experiência de Constelação Familiar ou Sistêmica com alunos de uma Escola da rede pública estadual em Fortaleza-CE, Brasil. O método terapêutico, fenomenológico, denominado Constelação Familiar foi idealizado pelo psicoterapeuta Bert Hellinger. Há mais de um ano o projeto acontece com o intuito de dar suporte aos discentes que relatam na escola suas dificuldades emocionais, cognitivas e de interação no meio escolar e familiar. A terapia promove um processo de reorganização e equilíbrio dentro dos sistemas aos quais pertencemos, tendo a família como base do investimento terapêutico. Os procedimentos metodológicos desta pesquisa são de natureza qualitativa, utilizando-se, como técnicas, entrevistas com os alunos e observação do comportamento dos estudantes que participaram das constelações familiares, buscando compreender os efeitos em suas relações pessoais, familiares e escolares. Os resultados apontaram mudanças comportamentais, tais como diminuição da ansiedade, maior interesse pela aprendizagem, redução de conflitos entre colegas e professores,

---

<sup>1</sup> Mestre em Tecnologia da Informação e Comunicação-UTAD-PT, SEDUC, Brasil, bete\_tavora@yahoo.com.br; <sup>2</sup>Mestre em Geografia-UECE, SEDUC, Brasil, flavia072013@gmail.com; <sup>3</sup>Especialista em Transformação de Conflitos e Estudos da Paz, Membro do Grupo de Pesquisa: Cultura de Paz, espiritualidade, juventudes e docentes (UFC), Brasil, medeiros.cida@gmail.com; <sup>4</sup> Mestre em Saúde Pública-UFC, UNIFOR, Brasil, lurdesmag@yahoo.com.br; <sup>5</sup>Terapeuta em Constelação Familiar, Instituto Árvore da Vida, Brasil, jorgebarbara@live.com.pt.



sentimentos de inclusão e de pertencimento. Em suas rotinas familiares os alunos revelaram maior compreensão na relação com os pais, maior integração na vida doméstica. Tais resultados estimulam a continuidade em vias de formalização do projeto como política pública de intervenção psicopedagógica.

**Palavras-chave:** Constelação Familiar Sistêmica, Terapia, Saúde Emocional. Aprendizagem

## Introdução

O desenvolvimento de políticas públicas visando a saúde emocional dos jovens ainda é insuficiente para a demanda atual. Os alunos já chegam no colégio com dificuldades emocionais como queixas de falta de concentração e ansiedade, muito provavelmente oriundas dos relacionamentos familiares, o que compromete o rendimento escolar. As instituições de ensino são cada vez mais desafiadas a trabalharem no seu currículo não somente as questões cognitivas do aluno, como também as questões sociais e emocionais, por entender sistemicamente que a família, escola, comunidade e demais sistemas, nos quais o adolescente está inserido, influenciam sobre os comportamentos e estado emocional destes, influenciado diretamente na aprendizagem. A não observância destes outros aspectos, para além das questões de aprendizagem, contribui muitas vezes na evasão ou repetência do ano letivo.

Embora as escolas estaduais já contem com apoio de alguns projetos para contemplar essas questões, a rede de ensino ainda não dispõe de serviço de psicopedagogia e psicologia que atendam todas essas necessidades. Nesse contexto EEFM João Mattos buscou parceria com um terapeuta, que voluntariamente já desenvolve há mais de um ano o projeto de Constelação Familiar Sistêmica com os alunos da escola. Esse método terapêutico busca promover o processo de reorganização e equilíbrio dentro dos sistemas familiar e escolar. É realizado baseado em experiência de uma professora alemã Marianne Franke-Gricksch em escolas da Alemanha e na literatura por ela produzida a partir dessa experiência.

O Projeto Constelação Familiar Sistêmica que se materializa na EEFM João Mattos, acontece uma vez ao mês com alternância de turnos manhã ou tarde, com duração média de 4



horas e conta com a participação, em cada sessão, de cerca de 40 alunos e 4 professores. Tem como objetivo contribuir para a saúde emocional e social dos alunos na perspectiva de melhorar o ambiente sócio afetivo da escola, nas relações professor, aluno e demais profissionais envolvidos no fazer pedagógico; elevar os índices de aprendizagem escolar, por meio do apoio psicoterapêutico combatendo a evasão e repetência; proporcionar melhorias nas condições de ensino no âmbito da escola, impactando todo o sistema educacional.

O artigo analisa a experiência terapêutica com enfoque na saúde emocional dos alunos que vivenciaram esta sistemática, como participantes e constelados. Alguns professores contribuíram enquanto observadores do processo.

A relevância deste estudo se dá por ser algo inovador e de grande alcance da resolução de emaranhamentos do sistema escolar – pois se estende aos outros âmbitos da vida do aluno, como o familiar, impactando nos outros aspectos da vida dos adolescentes, num período de formação humana rico de demandas, que extrapolam a própria escola. O interesse complementar é fomentar o apoio por parte da Secretaria de Educação do Ceará para a sistematização dessa prática, como política escolar, já que se observa o aumento da participação de alunos nas sessões de constelação, como também da expansão do projeto para outras escolas. A pesquisa buscou responder as seguintes questões: Como a Terapia da Constelação familiar contribui para a saúde emocional e social dos alunos? Qual a percepção dos sentimentos após a constelação? Como essa ferramenta terapêutica contribui para o rendimento da aprendizagem escolar?

### **Impactos da Constelação Familiar Sistêmica na saúde emocional do adolescente**

Constelação Sistêmica é o nome dado ao método criado pelo psicoterapeuta alemão Bert Hellinger, que descobriu a Constelação Familiar há mais de 40 anos. Por meio de suas experiências e estudos ligados à psicologia e sistemas familiares, ele observou que é possível ver as dinâmicas que atuam em um determinado sistema.

Por sistema se compreende tudo aquilo formado por mais de uma pessoa e que se influenciam mutuamente. A Constelação Sistêmica é o nome geral que inclui Constelação



Familiar, Direito Sistêmico, Saúde Sistêmica, Pedagogia Sistêmica, Constelação Organizacional, dentre outras.

Esta intervenção prioriza a influência da transmissão psíquica transgeracional na formação dos sintomas que caracterizam as dificuldades escolares, focalizando o jovem em sua inserção na família e na escola, visando crescimento (por meio de mudanças nos lugares ocupados pelos membros da família), com o objetivo de se estabelecer um espaço novo, criativo, que gere transformações no legado familiar, e conseqüentemente, no discente e em suas relações.

A família, grupo com características singulares e plurais, reúne elementos de continuidade e contigüidade e inclui laços de aliança, filiação e fraternidade. Sua função liga-se à articulação de seus membros no conjunto social e também de perpetuação, para além da morte, de seus integrantes. Por meio da transmissão psíquica, a família vincula diferentes pessoas e gerações, desenvolvendo a herança genealógica. Mecanismos de identificação permeiam os indivíduos que fazem parte do grupo familiar, que se constitui como um espaço de circulação da transmissão psíquica geracional (Sei; Gomes, 2012).

Por transmissão psíquica, entendemos como um processo inconsciente, em nível não-verbal - traumas, relações intersubjetivas, o que não pode ser dito. Trata-se de um fenômeno relacionado aos elementos da realidade psíquica transferidos de um indivíduo a outro ou nos vínculos do conjunto familiar. O trauma, por impossibilidade de simbolização, torna-se uma cripta que guarda uma situação vivida dolorosa e conservada por um recalçamento conservador; um fantasma (formação inconsciente), transmitido por um dos antepassados ao inconsciente do descendente. O que importa do segredo, na verdade, não é seu conteúdo, mas a interdição de falar, gerando duas possibilidades: a demanda/necessidade de falar e a de ficar calado (Rehbein; Chatelard, 2013).

Os aspectos não metabolizados da transmissão psíquica podem gerar enfermidades na família, depositadas usualmente em algum membro específico, às vezes a criança, o adolescente ou o membro que desenvolve um transtorno mental mais severo. A busca pelo atendimento por meio da Constelação Familiar é decorrente do olhar para este familiar, sendo necessário o

profissional retirar o foco apenas do indivíduo identificado para englobar a família como um todo. De acordo com Sei e Gomes (2012), há duas modalidades de transmissão psíquica:

- **INTERGERACIONAL:** relaciona-se aos aspectos psíquicos integrados e transmitidos à geração seguinte, que percorrem o tecido relacional intergrupar e as relações, constituindo a herança positiva da filiação.
- **TRANSGERACIONAL:** configura-se como um tipo de transmissão de aspectos psíquicos que não apresentam possibilidades de simbolização, caracterizados pelo não revelado. Aqui a vivência traumática não elaborada fica encriptada no mundo interno do sujeito, paralisando-o e condenando-o a inscrição de uma presença ausente, impedindo a criação de estruturas necessárias para o estabelecimento de distâncias e de diferenças entre gerações. O destino é a repetição e a ocupação permanente do sujeito pelo objeto intrusivo.

Na adolescência a pessoa está em constante processo de desestruturação e reestruturação, cujo ponto central é a elaboração dos lutos com características bastante específicas. De um lado, isso ocorre em função das aquisições progressivas da personalidade, em todos os seus níveis e, de outro, em função dos antecedentes histórico-genéticos, do meio familiar e social, em que este processo se desenvolve. É a busca de uma nova identidade. Ao desencadear-se o processo puberal, sobrevêm profundas reações em toda a personalidade, que são vivenciadas como um "re-nascimento". É o seu primeiro luto; seguindo-se o "luto pelo corpo infantil", "pelos pais da infância" e pela "bissexualidade". Há diferentes modalidades de exteriorização disto, por exemplo: alterações de conduta na escola, agressividade, inquietação, mecanismos convulsionais e depressivos (Barbosa, 1987).

Assim, no adolescente a luta pela nova identidade e todos esses processos de perda e lutos, podem levar a um sentido confuso de identidade. Em alguns momentos ficam mais apáticos, em outros superativos, entretanto, temem sempre a crítica e a perda de autoestima.

As dificuldades e as crises infantis e adolescentes correspondem uma crise importante no grupo familiar. Os pais revivem, com seus filhos, alguns aspectos de suas próprias infâncias e adolescências. Suas respostas aos jovens podem estar relacionadas à maneira pela qual eles



resolveram seus próprios processos adolescentes e a suas capacidades de adaptação às novas definições, que esta situação requer (Barbosa, 1987).

Os adolescentes formam um grupo com características muito particulares, pela problemática intrínseca que apresenta e pelo valor prospectivo social do trabalho que se pode realizar com ele. Na sua pouca idade, os transtornos crônicos são menores e, portanto, o processo saúde/doença pode ser interceptado com maior firmeza, quando se pode desenvolver uma educação para a saúde. Mais ainda, as estatísticas mostram como é emergente a demanda assistencial a este setor da população (Barbosa, 1987).

Aos 13 anos em média, quando começa a adolescência, começa um duplo sentimento que gera conflito: o desejo de pertencer ao sistema familiar e a sua lealdade, versus o desejo de se desenvolver pessoalmente, segundo a sua própria vontade. A rebeldia do adolescente existe em função desse duplo caminho que os jovens têm pela frente: ficar fiel aos seus pais ou seguir as opções pessoais. Com frequência, o adolescente se coloca aprisionado por consequências incontrolláveis de sua indecisão, o que pode prejudicar a nova etapa de entrar na vida adulta (Lima, 2010).

A Pedagogia Sistêmica (nome dado para a utilização da Constelação Sistêmica de Bert Hellinger na área da educação) consiste no investimento na postura do educador alinhado com os preceitos de Hellinger, de respeito aos pais e à história familiar do aluno, resgatando a força deste junto ao seu sistema familiar (Franke–Gricksch, 2009). É uma nova abordagem terapêutica que trata os transtornos de aprendizagem de uma outra posição

De acordo com Franke (2009) as crianças tendem a exercer uma lealdade familiar para com seus sistemas familiares. Ela percebeu gradualmente em seu trabalho na sala de aula que as crianças representavam na escola sua família com suas leis, suas dinâmicas próprias e particulares.

Por vezes percebemos alunos sendo excluídos, outras vezes observamos que fracassam na escola repetindo apenas padrões ocorridos em seu sistema de origem: repetem o destino de seus pais, irmãos, tios, avós. Muitas vezes as dificuldades escolares estão muito ligadas a processos familiares de fundo, muitas vezes a uma exclusão de um membro da família. É nesse





contexto que a pedagogia sistêmica pode ser aplicada em situações de desintegração, de dificuldades de aprendizagem, de problemas comportamentais, em conflitos e quaisquer problemáticas que surjam no sistema escolar direta ou indiretamente. O que se percebe efetivamente nas atitudes disfuncionais dos alunos é uma demonstração profunda de amor; uma lealdade incondicional ao pai, uma lealdade incondicional à mãe.

A relevância científica desta temática decorre da possibilidade de repensar os fenômenos mentais/emocionais em suas origens sistêmicas e suas interferências nas vivências escolares, imbricando-se à modernidade dos achados teórico-clínicos-educacionais da vertente transgeracional e sistêmica (Almeida, 2008).

Para tanto, este relato de experiência pretende apresentar e discutir, a partir do referencial sistêmico, a influência da Constelação Familiar na saúde emocional de adolescentes, bem como seus efeitos na família e no desempenho escolar desses jovens.

A abordagem teve como base o método fenomenológico que consoante Carvalho (2013), a fenomenologia surge para repensar a realidade, na sua subjetividade, existencialidade e na transcendência do ser, já se pode olhar a vida como algo inerente a consciência, num grande desafio de ser algo inovador. Na fenomenologia a situação é analisada considerando a percepção das sensações, emoções e humor. O que ocorre no momento em que acontece o fenômeno, qual a experiência sobre ele, e qual resultado trará para sua vida.

### **As Leis do amor de Bert Hellinger e sua influência no sistema familiar**

Consoante Hellinger (2007) dentro de um sistema familiar cada membro possui um inconsciente familiar atuando em sintonia com o inconsciente individual e coletivo. De acordo com ele esses sistemas são regidos por três leis naturais conhecidas como leis do amor que atuam simultaneamente e regem os relacionamentos humanos. A Lei do pertencimento, a Lei da ordem e a Lei do equilíbrio. Quando essas leis são desrespeitadas, mesmo que de forma inconsciente, alguém do sistema familiar adoece. De acordo com a Lei do pertencimento Hellinger (2007, pág. 17) destaca que:



*Pertencer à nossa família é nossa necessidade básica. Esse vínculo é o nosso desejo mais profundo. A necessidade de pertencer a ela vai além até mesmo da nossa necessidade de sobreviver. Isso significa que estamos dispostos a sacrificar e entregar nossa vida pela necessidade de pertencer a ela vai além até mesmo da nossa necessidade de sobreviver.*

O direito de pertencer é de todos, sobretudo de todos aqueles que vieram antes, pai, mãe, irmãos, avós, bisavós, aqueles que não sobreviveram e todos aqueles que de alguma forma foram prejudicados para que nossa família continuasse. Mesmo para familiares que já partiram ou que estão distantes de nós por qualquer motivo, fazem parte, influenciam e são influenciados pela força da lei do pertencimento. Os sistemas segundo Bert Hellinger, sejam quais forem, não permitem exclusão e se o fazemos pelo nosso julgamento, reivindicação ou rejeição, alguém deste sistema representará o excluído. No caso da educação a criança ou jovem manifestará essa pessoa excluída através de um transtorno de aprendizagem.

Segundo os estudos de Bert Hellinger (2007) sobre a lei do equilíbrio, entre pais, filhos e casais, existe uma ordem natural no processo de dar e receber. Uma hierarquia etária é necessário para que essa ordem seja respeitada, ou seja, vem do mais antigo para o mais jovem: os pais dão amor e carinho aos seus filhos. Quando essa ordem é transgredida as famílias entram em desequilíbrio. Quando os filhos por amor ao sistema familiar assumem as dores e papéis de seus pais, alterando a ordem do processo de dar e receber; pode, por vezes, afetar a saúde física e emocional de todo o sistema familiar.

De acordo com Hellinger sobre a lei da ordem: “O ser é estruturado pelo tempo. O ser é definido pelo tempo e através dele, recebe seu posicionamento. Quem entrou primeiro em um sistema tem precedência sobre quem entrou depois. Sempre que acontece um desenvolvimento trágico em uma família, uma pessoa violou a hierarquia do tempo” Hellinger (2009, pag. 37).

A ordem dentro de um sistema é comandada pela hierarquia do tempo. Aqueles que vieram antes tem autoridade sobre quem veio depois. O avô tem precedência sobre um neto, um pai tem precedência sobre o filho, o irmão mais velho tem precedência sobre o irmão mais novo. Sistemicamente sempre quem veio primeiro terá a precedência no grupo, pois cada





peessoa tem seu lugar e deve ocupá-lo. O reconhecimento e a aceitação dos pais devem vir dos filhos, que devem ser eternamente gratos pelo dom da vida que receberam de seus pais.

## 2 Procedimentos Metodológicos

A pesquisa teve como sustentação a teoria e prática da constelação familiar sistêmica, desenvolvida por Bert Hellinger e da pedagogia sistêmica de Marianne Franke-Gricksch. A abordagem qualitativa de cunho fenomenológico se efetivou com uma revisão de literatura, observação participante, estudos de casos baseados em práticas das sessões de constelação familiar, entrevistas com alunos e professores envolvidos, análises de relatos escritos pelos alunos sobre as experiências vivenciadas pela terapia além de observação e discussão sobre o comportamento dos discentes na rotina escolar.

Discutiu-se a repercussão da Constelação Familiar na vida emocional dos alunos, a percepção que eles tinham de si mesmos antes de participar da constelação, como era seu relacionamento na família e na escola e quais sentimentos que afloraram com a participação nas terapias.

Os alunos participantes foram os encaminhados pelo Núcleo Gestor ou Professor Diretor de Turma por apresentarem alguma questão emocional, como também os curiosos em conhecer o método. Os professores que se engajaram foram os que demonstraram interesse em conhecer o projeto, que se desenvolve uma vez por mês em turnos alternados.

A pesquisa bibliográfica tem como base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Consoante (Gil, 2007), a relevância desse método está na vantagem de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. O objetivo é colocar o pesquisador em contato com o que já se produziu e se registrou a respeito do tema de pesquisa. Na revisão de literatura foram exploradas produções acadêmicas como Almeida (2008), Carvalho (2013), Gil(2010), Sei e Gomes(2012), Gil (2007,2010), Minayo (2004), Hellinger (2009), Franke-Gricksch (2009), .Rehbein- Chatelard( 2013), Lima (2010), Barbosa(1987), Sei-Gomes (2012)



A observação participante se deu na pesquisa durante as sessões de constelação familiar que acontecia de forma coletiva, na qual eram anotadas as questões que o aluno colocava para constelar. Consoante Minayao (2004) o método da observação participante se constitui pelo fato do observador estar presente no momento em que o fenômeno acontece possibilitando uma interação com os observados, influenciando no contexto da investigação. Entre os casos relatados merecem destaque as questões dos discentes relacionadas com sua convivência familiar. Foram observadas as emoções envolvidas e a imagem da solução final durante a dinâmica da constelação. Os alunos constelados procuravam os professores envolvidos no projeto para contar os impactos proporcionados na saúde emocional.

Além de toda revisão teórica e observação participante foi realizado estudo de caso tendo os alunos da EEM João Matos, da rede pública estadual, para o desenvolvimento das práticas. Os dados foram coletados por meio de análise documental, entrevistas e observação das práticas. O estudo de caso foi desenvolvido no período de Outubro de 2017 até janeiro de 2018. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com professores e alunos constelados e que somente participaram da constelação para ajudar na questão trazida pelo colega. Suas falas foram analisadas qualitativamente na perspectiva de compreender os impactos na saúde emocional do discente.

### **3. Resultados e Discussões**

São diárias as reclamações dos professores em relação a comportamento inadequado de alunos. Há desgaste na comunicação e nas relações. Preocupada com o emocional tanto de professores como de alunos, a escola buscou alternativas para amenizar esses conflitos dentro do ambiente escolar a fim de melhoras a aprendizagem. Além da mediação de conflito, oficinas que trabalham o autoconhecimento e respeito a si mesmo e ao outro, iniciou-se na escola, em 2016, a Constelação Familiar Sistêmica.

Os alunos que fizeram parte dessa pesquisa manifestaram que trazem para a escola muitas questões de casa. São adolescentes que se sentem excluídos, rejeitados, não ouvidos e que sentem a falta do diálogo familiar. Há relatos de conflitos entre eles e os pais como também de abandono de pai e mãe ainda na primeira infância. Como podemos perceber nos depoimentos abaixo foram transcritos na íntegra da fala dos alunos:

*Não consigo conviver com minha mãe, morei com ela até os 4 anos. Tudo ela diz que estou errada, ela grita muito, é meio bipolar. Ela faz vergonha a mim. (Aluna L.U, segundo ano do ensino médio)*

*Sinto-me isolado. Não consigo me expressar. Fazem tudo sem minha opinião, não participo das decisões, sou excluído (Aluno F.A, segundo ano do ensino médio).*

*Acho que sou rejeitada em tudo. Moro com minha vó e dois irmãos. Meu pai me abandonou totalmente depois que arranjou outro relacionamento. Eu tinha 6 anos (Aluna R. T, terceiro ano do ensino médio)*

*Não falo com quase ninguém, tenho conflitos com minha mãe (Aluna E.A, terceiro ano do ensino médio).*

Diante de um sistema familiar cheio de emaranhados, a aprendizagem fica comprometida e o comportamento que o professor espera do aluno em sala de aula acaba por não acontecer. Como fica claro nos depoimentos:

*Não consigo me concentrar. Invento doença para sair de sala. Não consigo raciocinar (Aluno L.T, segundo ano do ensino médio)*

*Quando estou com problemas não me concentro. Fico calada, isolada na sala (Aluna R.T)*

No entanto, o ambiente escolar, também representa um refúgio para o jovem. Muitas vezes, é apenas na escola que eles desenvolvem amizades e apoio em questões pessoais e escolares. Como diz a aluna E.A: A escola pra mim é um refúgio. Quando não estou bem é um refúgio. Gosto do ambiente escolar.



A análise da coleta de dados das entrevistas aplicadas com 10 alunos que participaram mais de uma vez da terapia na referida escola revelaram mais autoconhecimento e auto respeito, como também uma visão mais ampla sobre o outro, assim como revelaram perceber a importância da participação protagonista na sua história de vida. Como podemos perceber no depoimento de uma aluna: “Antes de participar eu não sabia que tantas pessoas passavam pelos mesmos problemas que eu (...) Eu consegui ver as coisas de um ponto de vista diferente e isso foi bom para mim” (Aluna L.P, primeiro ano do ensino médio). Outro aluno diz “Eu me sinto mais esperançoso e confiante” (Aluno U.M).

O aluno "L" do terceiro ano do ensino médio também ressalta o sentimento positivo de que algo nele mudou para melhor: Me sinto melhor a ponto de descobrir um pouco mais de mim mesmo (...), me sentindo mais positivo nas coisas que faço. Já o aluno F.A disse: Não conseguia me expressar, depois eu senti paz, fiquei mais leve e mais solto. E a aluna R.T conta: Achei interessante pois é algo novo, ajuda a gente a pensar na nossa vida e na nossa escola.

Uma das entrevistadas diz que observa mudanças mas que ainda é muito reservada nas suas atitudes: “Eu sou uma pessoa muito fechada ainda, posso ter começado a me abrir, porém ainda sou uma pessoa que guardo tudo para mim (...), eu ainda não sei lidar muito bem com minhas emoções, eu acabo me fechando muito” (Aluna L.P).

A percepção pontuada pelos alunos dessas mudanças internas, de autoconhecimento e respeito denotam o grau de impacto dessas experiências sistêmicas na aprendizagem e na percepção do grau de importância da escola em suas vidas, como se pode observar na fala do aluno "U.M": Fiquei muito mais compreensivo, quieto e comecei a respeitar mais os professores.

O aluno citado acima, apresentava previamente, ao longo do primeiro semestre de 2017, um crescente comportamento de desinteresse com infrequência e "fuga" das aulas. A partir de agosto de 2017, quando vivenciou os processos sistêmicos, ele se envolveu, juntamente com outros dois alunos, com a pesquisa cujo tema era Constelação Familiar Sistêmica: conhecendo a comunicação com o inconsciente. O objetivo era demonstrar a importância da constelação familiar como ferramenta que pode ajudar a escola a resolver conflitos e entender os



pressupostos provenientes do histórico familiar, pelos quais os alunos passam, que podem contribuir com a mudança no comportamento cujo emaranhado impacta no rendimento dentro da escola.

Assim, eles passaram a frequentar as terapias de constelação que acontecem na escola, no segundo semestre de 2017, e a fazerem leituras correlatas, além de terem trabalhado com 100 questionários sobre o tema e que foram respondidos por alunos. Depois de todo esse processo, observou-se um crescente interesse do alunado citado em participar das aulas e das atividades propostas, como também uma queda no número de faltas.

Outro aluno diz que: com sua participação no grupo de constelações foi aos poucos percebendo o esforço dos professores para ajudarem no meu aprendizado e vi que eu deveria dar um pouco de mim naquilo ali também, prestando mais atenção nas aulas. Também destaca que a escola que aceita a constelação familiar é uma escola que se preocupa com os alunos, com seu suporte pessoal e escolar (Aluno R.Q).

Já o aluno "L" ressalta:(...) vejo que preciso estudar mais pra ir além nos meus conhecimentos”

Cotidianamente, nos corredores da escola, são notados vários casos de alunos que já conhecem a terapia e outros que ouviram falar, procurando saber quando acontecerá novamente a Constelação na escola. Também acontecem brincadeiras entre eles, quando um dos colegas está com comportamento negativo em sala, os que já conhecem a terapia falam que aquele aluno indisciplinado precisa "constelar".

O comportamento em relação à família foi outro ponto analisado, revelando uma compreensão maior e uma percepção dos problemas (emaranhados) nos respectivos sistemas. Como podemos perceber no depoimento da aluna "L.P": Eu me sinto muito sufocada e presa, como se eu tivesse um padrão que eu tivesse que agir dessa forma para não irritar e não causar nenhuma briga.

Outro aluno F.A diz que ajuda nós jovens, a pensarmos mais na família e ter comportamentos positivos (...). O aluno "R.Q" diz que percebe a sua relação com familiares e



amigos e diz que tem muita gente fazendo coisa sem sentido e a gente começa a se colocar no lugar deles e passa a entender um pouquinho, porque se eu faço uma brincadeira que ele não gosta eu penso que também não gostaria se aquilo fosse comigo. Na família também é do mesmo jeito, colocar-se no lugar do outro e pensar antes de julgar”. (Aluno R.Q).

Uma aluna do terceiro ano do ensino médio (M) diz que com a minha família eu ainda não consigo perceber mudança, eu continuo bem fechada. Como posso dizer? Eles são muito difíceis mas sei que não são só eles, sou eu também que posso dificultar as coisas mas eu não consigo ainda me aproximar muito. Eu não acho que a gente tem uma relação ruim mas não chega a ser aquela relação boa.

A aluna "L.U", durante a entrevista, fala: acho que tudo que meus pais passam é tipo em relação ao que viveram. Minha relação é boa, minha mãe me apoia, meu pai não muito. Faz anos que meu pai é revendedor de carros, quer que eu seja também. Revela ainda que:

Fiquei no lugar de mãe na constelação. Nesse dia antes de ir para a escola eu havia brigado com a mãe. Então fiquei mais aliviada. Tenho problema grande de perdoar, já fiquei 5 meses intrigada com minha mãe. Com relação ao meu pai, percebi que o que o pai dele fez com ele, ele fez comigo, repetiu o padrão (abandono), ele era filho único igual a mim.

Alguns alunos falaram sobre como se sentiam antes de participarem da constelação e como se sentiram depois que começaram a frequentar a terapia na escola.

Antes das constelações eu me sentia meio travado, bloqueado. Era como se eu não conseguisse entender tudo aquilo que causava dificuldade na minha vida, ou seja, dificuldade nos estudos, na concentração na sala de aula. Quando eu comecei a constelar eu comecei a perceber que tudo tem uma razão, ou seja, que eu estava passando por aquilo sem perceber, era inconsciente. A constelação familiar abriu portas na minha vida, abriu os meus olhos para que eu percebesse o motivo de tudo e me corrigisse, e me consertasse (Aluno R.Q).

Diante desse cenário complexo que é o ambiente escolar, professorado e direção são constantemente convidados a pensar, planejar e agir de maneira diferente para atender as demandas emergentes. É o que pode ser percebido pela percepção da professora M.A dessa





escola ao dizer que a coisa mais importante da Constelação Familiar é que te ensina a ver as coisas e as pessoas de outra forma. É como se as coisas se ampliassem, a visão ficasse mais nítida. Você passa a ver o mundo de outra forma. O seu olhar sobre os conflitos passa a ser mais cuidadoso, na busca de entender e não de julgar. Isso é um olhar mais amoroso, mais cuidadoso, mais justo.

A professora G.P diz que percebe a mudança nos alunos que fazem e que participam da constelação. Eles ficam diferentes, eles passam a agir de forma diferente na escola. São mais carinhosos, mais atenciosos.

A professora M.A diz que percebe a diferença no aluno por meio do respeito e da leveza. Esses meninos chegam com causas muito tristes. Muitos deles são verdadeiros heróis de conseguirem chegar à escola vivos, pois vivem em bairros e comunidades altamente violentos, que assistem amigos e parentes serem assassinados com frequência. Estar na escola já é uma superação para eles. Poder fazer parte da terapia de Constelação Familiar é uma libertação e uma liberação para o sistema familiar deles. É muita cura. Depois de participar eles ficam mais leves, mais compreensivos com a dor do outro. Eles entendem e respeitam mais a si mesmos também.

Já, a professora R. fez significativa contribuição ao dizer: A partir desses círculos, pude perceber que a fragilidade, o medo, a vergonha, a indisciplina, a agressividade e outros tipos de comportamentos conflitantes dos alunos, tem uma forte ligação, as atitudes e pensamento dos nossos familiares.

E mais:

Quando comecei a entender e ver todo esse processo de introspecções vivenciadas pelos alunos, é que pude perceber o quanto é importante tratarmos esses jovens de forma mais cuidadosa, não no sentido de tratá-los como coitadinhos, mas como seres humanos que choram, sofrem, e que todo esse conflito interno que eles passam, pode ser amenizado ou até curado por um simples sorriso sincero, uma palavra amiga, um abraço acolhedor, uma atenção a qual muitas vezes eles não encontram em seus lares. / Diante desse contexto, considero que, a Educação, precisa passar urgentemente por uma reestruturação curricular, no sentido de criar



programas educacionais direcionados para este contexto, promover formação continuada aos gestores e docentes, desenvolver projetos que trabalhem as competências sócio emocionais.

Os relatos de professores mencionados demonstram a percepção dos benefícios que a terapia sistêmica vem possibilitando, tanto dentro da escola e em suas dinâmicas pedagógicas, quanto no plano pessoal como trabalhadores do sistema educacional e como indivíduos dentro de seus sistemas familiares.

Nesse tempo em que o projeto acontece na escola foram feitas também constelações sistêmicas para o ambiente escolar e tiveram professores que também constelaram, de forma que foram beneficiados os sistemas dos alunos, professores e escola.

A pedagogia sistêmica reconhece os indivíduos e entende o papel de cada envolvido. Inclusive, parte do pressuposto que os alunos, professores/pedagogos, diretores, funcionários não estão separados dos vínculos pessoais, do contexto familiar, histórico, social e cultural de origem. Nessa perspectiva todos são vistos como parte integrante da escola. Dessa maneira, todos (alunos, professores/pedagogos, diretores, funcionários) assumem suas funções e papéis. O sentimento de que todos têm um lugar (inclusão) é potencializado. Tal postura remete a uma compreensão onde passamos a perceber a serviço de quais vínculos e questões sistêmicas cada um está agindo. Ou seja, é possível refletir sobre a prática pedagógica, uma vez que a riqueza do Pensamento Sistêmico, com sua complexidade, está em abrir campos para novas possibilidades de reflexão e, sobretudo, ação.

## **Considerações Finais**

O ambiente escolar é influenciado pela dinâmica social. Os alunos são observados a partir de suas atitudes, suas relações, trazendo a tona os seus sentimentos e visões de mundo. Cotidianamente na escola ocorrem conflitos que são enfrentados com práticas pedagógicas punitivas e paliativas. As políticas públicas de apoio ao adolescente no ambiente escolar não conseguem atender as demandas trazidas pelos alunos, no que concerne as questões emocionais. Levando em conta que a escola não dispõe de psicólogo e psicopedagogo que ofereçam suporte



ao alunos e educadores. Em contraponto o projeto de constelação familiar se apresenta como prática restaurativa, que objetiva organizar o campo emocional do aluno, que por sua vez é também influenciado pelo campo familiar.

A pesquisa mostrou através dos dados coletados, sistematizados e problematizados que o projeto da Constelação familiar vem contribuindo para a saúde emocional e social dos alunos, na medida em que seus emaranhamentos são vistos como possíveis de serem compreendidos e solucionados, influenciando positivamente na sua vida emocional e social. Tem permitido ao aluno ter um novo olhar sobre o seu problema e do outro, influenciando na resolução dos conflitos e melhorando o processo de aprendizagem.

A relevância mostrada pela pesquisa sugere que o projeto de Constelação Familiar possa ser efetivado como política educacional, tendo em vista que o mesmo vem sendo exercido de forma voluntária pelos terapeutas e educadores.

## Referências

- Almeida, M. E. S. (2008). *A força do legado transgeracional numa Família*. Psicologia: Teoria e Prática, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 215-230.
- Barbosa, L.H.S. (1987). Depressão na Infância e Adolescência - Aspectos Sociais. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, n. 3, v. 3, jul/set, pp. 250-265.
- Carvalho, José Mauricio. (2013) *Revista Estudos Filosóficos* nº 10/2013 – versão eletrônica – ISSN 2177-2967 <http://www.ufsj.edu.br/revistaestudosfilosoficos> DFIME – UFSJ – São João del-Rei-MG Pág. 1 – 15. Acesso em 10 de julho de 2017.
- Franke-Gricksch M.( 2005). *Você é um de nós, percepções e soluções sistêmicas para professores, pais e alunos*. Minas Gerais: Atman.
- Gil, A.C. (2008). *Métodos e Técnica de pesquisa Social*. 6ª ed. São Paulo: Atlas.
- Gil, A.C. (2010). *Como elaborar projetos e pesquisa*. 5ª ed. São Paulo: Atlas.
- Hellinger, B. (2007). *Ordens do Amor: um guia para o trabalho com constelações familiares*. Tradução Newton de Araújo Queiroz; revisão técnica Heloise Giancoli Tironi, Tsuyuko Jinno-Spelter. São Paulo: Cultrix,. p. 14.
- Rehbein, M. P.; Chatelard, D. S. (2013). Transgeracionalidade psíquica: uma revisão de literatura. *Fractal: Revista de Psicologia*, Niterói, v. 25, n. 3, p. 563-584, set./dez. 2013. Disponível em:



<http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/Fractal/article/view/602/914>>. Acesso em: 16 jan 2018.

Seli, M. B., & Gomes, I. C. (2012). Demandas por atendimento psicológico e a transmissão psíquica transgeracional. *Revista OMNIA Saúde*, 8(1), 26-35.